

Fim da agonia. Mas não dos sonhos da Nova República

O último combate do idealizador da Nova República e gerador da união nacional de 130 milhões de brasileiros em torno da democracia terminou às 22h23 de ontem. No anfiteatro do Centro de Convenções Rebouças, em frente ao Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, o porta-voz da Presidência da República, jornalista Antônio Britto, anunciou, às 22h30, o falecimento do presidente Tancredo Neves após uma internação de 39 dias, primeiro no Hospital de Base de Brasília e, depois, no Instituto do Coração. Assim, José Sarney, que ontem mesmo decretou hoje feriado nacional, torna-se o 31º presidente da República Federativa do Brasil.

O último dia de vida do presidente Tancredo Neves não registrou as grandes alterações no comportamento de seu organismo que marcaram todo o seu período de internação. Às 7h50 de ontem, o secretário-adjunto de Imprensa da Presidência, Pedro Luís Rodrigues, leu o primeiro comunicado médico do dia, informando que a instabilidade cardiovascular ocorrida na madrugada foi corrigida através de medicamentos, que o presidente continuava sendo submetido a ultrafiltração e que a hipotermia teve sua temperatura reduzida para 30,5 graus centígrados.

Meia hora depois deste primeiro boletim do dia, chegou ao Instituto do Coração o médico

Henrique Walter Pinotti. Às 9h05 chegou o médico João Batista Rezende Alves que, como Pinotti, não fez qualquer declaração. O gastroenterologista Wilson Polara entrou no hospital às 9h20 e, 10 minutos depois, acompanhada do marido, a dra. Angelita Gama. O porta-voz Antônio Britto chegou às 10h25 e o delegado Romeu Tuma, às 11 horas. Em seguida, às 11h05, chegou Angela, neta de Tancredo Neves.

Durante todo o dia de ontem o movimento em frente ao Instituto do Coração não se alterou, registrando uma afluência popular ainda menor que o domingo passado, quando o presidente teve algumas de suas mais sérias crises. Nem mesmo à noite, quando já circulavam informações de que o estado de saúde de Tancredo atingia níveis muito críticos, aumentou a afluência de populares. O ministro da Fazenda e sobrinho do presidente, Francisco Dornelles, entrou no Incor às 21h50. Às 22h15, acompanhado da esposa, chegou, tenso, o governador Franco Montoro.

Logo depois de deixar o anfiteatro, onde comunicou a morte, o porta-voz Antônio Britto hasteou em frente ao Centro de Convenções Rebouças uma Bandeira Nacional a meio pau.

Tancredo será sepultado em São João del Rey, por sua própria vontade, no túmulo da família no cemitério da Irmandade de São Francisco, à qual o presidente eleito pertencia.

Ali já foram enterrados o pai e a mãe de Tancredo e seu irmão Gastão. O irmão mais velho do presidente eleito, Octávio Neves, descartou a hipótese de o enterro ocorrer em outro lugar que não São João del Rey, onde nasceu e viveu o criador da Nova República.

Em seu sofrimento de 39 dias, Tancredo uniu o País numa corrente de orações e esperanças. Durante a Semana Santa, no início deste mês, muitos bispos lembraram que o Brasil vivia de novo o sofrimento do Calvário — a cruz estava na UTI do Instituto do Coração. Desde o dia 14 de março, a poucas horas da posse, foram sete cirurgias, a última delas na madrugada do dia 12 de abril. Por seis horas ele foi submetido a uma laparotomia exploratória, que retirou mais três abscessos e implantou, na parede necrosada do abdômen, uma tela de polipropileno, um tipo de plástico.

Tancredo passou por mais esse sofrimento. Não foi suficiente a *via crucis* do confrade de São Francisco: desde essa data até seus últimos minutos ele ficou ligado a aparelhos que faziam a ultrafiltração do sangue, a hemodiálise (rim artificial) e o ajudavam a respirar. Mas, debilitado, Tancredo não resistiu às seguidas cirurgias e à sustentação artificial da vida, submetendo-se ao desígnio do seu Deus e deixando a 130 milhões de órfãos os desígnios de uma Nova República a serem cumpridos.

Pouco depois das 23 horas de ontem, o presidente da Câmara dos Deputados e do Diretório Nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, leu a seguinte nota no Congresso, em Brasília:

“Morreu Tancredo Neves. Morreu o amigo, avô, marido e pai. Morreu o amigo da família. Morreu o amigo que era irmão dos irmãos. Acima de tudo morreu o grande e apaixonado amigo do Brasil. A biografia de Tancredo Neves é comovente e edificante história de amor pelo Brasil. Logo agora, quando o povo tanto necessita de amigos corajosos, leais e talentosos, perde o maior deles e o líder de todos eles, aclamado pelas praças, ungido pelas ruas, carregado triunfalmente por multidões. Adeus Tancredo. Sem você, embora esmagados pela dor e pela separação, ficamos mais fortes e decididos na companhia de sua memória e seu exemplo. A fatalidade decretou que o eleito não governasse seu povo, mas você não nos abandonou. A homenagem sincera e conseqüente dos que choram será impedir qualquer recuo na caminhada pelas instituições livres que se consolidarão através da Assembléia Nacional Constituinte. Entregue a Deus pelo seu santo, São Francisco, você vai inspirar a salvação do Brasil. Morreu Tancredo Neves, contudo a ressurreição de sua voz conclama os brasileiros: viva a liberdade, viva a democracia, viva a República!”



A 15 de janeiro, Tancredo Neves derruba 21 anos de oligarquia e elege-se à Presidência